

A ESCRITA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DE ESCRITA UTILIZADA POR USUÁRIOS DO *FACEBOOK*

Juscelino Francisco do Nascimento
Doutorando em Linguística (UnB)
juscelinosampa@hotmail.com

Daiane Cortez Sousa
Graduada em Letras/Português (UFPI)
dayannecortez@gmail.com

Francimônica das Chagas Moura
Graduada em Letras/Português (UFPI)
francimonica1993@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa analisar a concepção de usuários do *Facebook* acerca da escrita utilizada nessa rede social. Desse modo, objetivamos refletir sobre as condições atuais de escrita nas redes sociais por meio da concepção adotada pelos próprios usuários, bem como analisar como as mudanças tecnológicas influenciam nas condições de escrita. Para tal estudo, fizemos uma pesquisa de campo que consistiu em entrevistas realizadas *on-line* por meio do bate-papo do *Facebook*, como também uma pesquisa bibliográfica baseada em trabalhos acerca dessa temática, seguindo os pressupostos de Ammann (2011), Bernardes e Vieira (2006), Costa (2006), Dias (2009), Freitas (2006), Grigoletto (2009), Pereira e Moura (2006) entre outros. Com a análise dos dados, foi possível perceber que os internautas veem a escrita, nesse ambiente virtual, como “errada”, embora admitam utilizá-la, justificando que se mostra como código escrito mais prático para realizar a interação em tempo real.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais, *Facebook*, Usuários, Escrita.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing the conception *Facebook* users have about the writing used in this social network. Thus, we intend to reflect on the current conditions of writing in social networks through the concepts adopted by users and to analyze how technological changes influence the conditions of writing. For this study, we carried a survey which consisted in interviews conducted online through *Facebook* chat, as well as a literature-based research that revolves around this theme, following the assumptions of Ammann (2011), Bernardes and Vieira (2006), Costa (2006), Dias (2009), Freitas (2006), Grigoletto (2009), Pereira and Moura (2006), among others. After analyzing the data collected, it was revealed that Internet users see writing in this virtual environment, as “wrong”, although they admit using it, explaining that it is a more practical written code to perform real-time interaction.

KEYWORDS: Social Networks, *Facebook*, Users, Writing.

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento da internet e das redes sociais, como o *Facebook*, novas relações têm sido criadas entre as pessoas. Também práticas de uso da língua, como a leitura e a escrita, foram claramente alteradas em virtude do ciberespaço. Devido a esse fato, tem-se tornado cada vez mais comum o uso de uma nova escrita, que se apresenta como um código específico que traz consigo características próprias, como argumenta Costa (2006), configurando-se como uma nova modalidade, diferente da escrita formal. Essa escrita, embora muito utilizada pelos internautas, causa certo estranhamento, sendo (ainda) vista como “errada”.

Diante dessa realidade, nosso estudo volta-se para a seguinte problemática: qual a relação atual existente entre as condições de escrita e os usuários da rede social *Facebook*? Acreditamos, seguindo o que postula Lima (1996), que a escrita não deve ser tomada como uma reprodução fiel da fala, mas como uma representação desta. Ocorre, entretanto, que os usuários do *Facebook* acabam concebendo a escrita somente como um objeto formal que não permite variação, embora assumam haver a necessidade e a existência de um novo código escrito devido às exigências dos novos meios comunicativos.

Partindo desse questionamento, este artigo propõe algumas reflexões sobre as condições atuais de escrita nas redes sociais por meio de uma análise da concepção adotada pelos próprios usuários do *Facebook*, bem como analisa como as mudanças tecnológicas influenciam as condições de escrita. Julgamos importante desmistificar concepções tradicionais de escrita que desconsideram o fato de que a língua é essencialmente dinâmica e claramente influenciada pelas mudanças tecnológicas.

Tratamos, inicialmente, da internet e do surgimento de uma nova escrita. Em seguida, fazemos uma breve discussão acerca do *Facebook* e das relações estabelecidas entre seus usuários e a escrita utilizada nessa rede social. Posteriormente, apresentamos a metodologia adotada para este estudo e, por fim, a análise dos resultados obtidos.

2 TECNOLOGIA: A INTERNET E A ORIGEM DE UMA NOVA ESCRITA

A escrita, uma das mais antigas formas de comunicação, surgiu pela necessidade humana de se comunicar, expressar e registrar informações de forma durável, o que não era possível com a oralidade, dado o seu caráter efêmero (LIMA, 1996). A tecnologia da escrita contribuiu para o desenvolvimento das mais diversas atividades humanas, permitindo inúmeras possibilidades de comunicação até então desconhecidas para as sociedades orais.

Ao longo dos séculos, a técnica da escrita vem se modificando, assumindo diferentes aspectos, graças, especialmente, à evolução das tecnologias que a elas estão ligadas. Após o advento da escrita, vieram os meios de comunicação de massa, como a televisão e o cinema, com os quais a escrita mantém estreita relação. Nessa perspectiva, assumimos como pressuposto básico que “[...] língua e cultura não se separam, sendo assim, no momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnologicamente determinada, há necessariamente, repercussões na língua” (DIAS, 2009, p.9). Dessa forma, conforme as tecnologias evoluem, as condições, situações e contextos de produção do discurso também se modificam.

Segundo Costa (2006), a relação espaço-tempo na comunicação *on-line* começou a ser alterada já com o surgimento do telefone, uma vez que o espaço passou a não ser mais condição obrigatória para a conversação. Entretanto, é com o advento da internet, mais recentemente, que ocorreram as mudanças mais significativas, novas formas de leitura, novos textos, bem como novos modos dos sujeitos se relacionarem com a escrita.

Nasce, então, uma escrita com objetivos diferentes, por meio da qual mensagens são construídas, enviadas, lidas e respondidas em tempo real por pessoas em espaços diferentes, no contexto do ciberespaço que, segundo Costa (2006, p. 22),

É um espaço de interação dinâmica. Uma esfera social de comunicação viva da ‘oralidade’ feita de maneira mais complicada e mais complexa, cujas mensagens

potenciais podem ser lidas/escritas em várias direções.[...] O que temos nesse espaço é uma mutação comunicativa revolucionária contemporânea jamais vista antes na história da humanidade. Um mundo ecológico de mensagens medidas por um suporte cultural – a internet –, mundo que, dialeticamente, parece voltar, em espiral, à oralidade das origens humanas [...].

Desse modo, a internet coloca à disposição do usuário uma gama enorme de recursos que lhe possibilita interagir de forma rápida com tudo e com todos, o que, para o autor, trata-se de “uma volta às sociedades orais” (COSTA, 2006, p.21), na qual a comunicação volta a ser imediata, informal.

Para Grigoletto (2009, p. 2), “partindo dessas considerações, podemos dizer que estamos diante de um processo de (re)invenção da escrita, no qual novos códigos, novas palavras e novas regras são criadas, são validadas, as quais (re)significam e produzem sentidos”. Tais regras, códigos e palavras têm sua razão de ser e se adequam às condições e situações de produção textual.

Os internautas acabam por desenvolver mecanismos para minimizar a falta de aspectos paralinguísticos ou traços suprasegmentais que auxiliam o entendimento na interação face a face. Dentre os recursos utilizados no ciberespaço, estão *emoticons* (carinhas ou caracteres), reduções de palavras, abreviações, uso excessivo de sinais de pontuação, alongamento de vogais, entre outros. Conforme Grigoletto (2009, p. 4),

[...]a oralidade está presente, marca-se no ambiente virtual pela escrita, que ganha uma nova configuração, é (re)inventada, incorporando à sua materialidade imagens, emoticons, sinais gráficos, erros de digitação e até novas palavras, que são formas de trazer para o discurso da escrita as marcas da oralidade.

Há, pois, o que a autora chama de oralização da escrita, isto é, marcas que são próprias da oralidade são trazidas para a nova escrita, a escrita digital. Desse modo, fala e escrita se aproximam, mesclando-se e dando origem a uma nova ferramenta comunicativa, que se configura como um novo código escrito.

3 *FACEBOOK*: NOVAS RELAÇÕES MEDIADAS POR UMA NOVA ESCRITA

Atualmente, muito se fala em redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Linked in*, entre outras, que fornecem aos seus usuários várias formas de interação, em tempo real ou não. Os internautas têm, diante de si, uma variedade de textos, sejam eles verbais, não verbais ou multimodais, como também ferramentas diversificadas de comunicação. Tais redes criaram uma teia de relações entre as pessoas, dando origem a uma nova forma de conceberem e utilizarem a produção/leitura de textos.

Dentre as redes sociais, o *Facebook* tem sido uma das mais populares. Segundo Ammann (2011, p. 16), essa rede social “alcançou grande projeção nacional e internacional [...] Estima-se que hoje o seu valor de mercado seja de US\$ 750 milhões [...] e o número de usuários ativos por volta de 750 milhões [...]”. O *Facebook* tem atraído cada vez mais usuários devido a sua oferta de várias ferramentas que possibilitam compartilhar fotos, vídeos, como também mensagens dos mais variados tipos e tamanhos.

Ainda de acordo com Ammann (2011, p. 16)

[...] o site é dotado de aplicativos que permitem adicionar fotos, convocar eventos, adicionar vídeos, criar grupos, relacionar páginas, conversar em tempo real com outros usuários, enviar mensagens abertas e enviar mensagens privadas etc.

Nessa rede social, podemos apontar o bate-papo como uma das ferramentas mais utilizadas pelos seus usuários. O espaço caracteriza-se como um ambiente de conversação em que se torna possível trocar mensagens em tempo real, de forma síncrona, construindo, assim, uma espécie de diálogo que simula a interação face a face, reduzindo, por assim dizer, a distância geográfica entre os interlocutores.

Existe, atualmente, uma quantidade enorme de aplicativos que facilitam a realização de uma comunicação em tempo real ou não. Entretanto, a escrita ainda se mostra como ferramenta básica para interação no *Facebook*. Essa escrita, utilizada

pelamaior parte dos usuários desta rede social, como nas demais existentes, apresenta-se com características próprias. De acordo com Costa (2006, p. 20), “são formas de leitura e escrita com características próprias e específicas. [...] Oralidade e escrita se dissolvem nas salas de bate-papo (*chats*), por exemplo”. Assim sendo, diferencia-se da escrita formal, aproximando-se mais da fala ou, por vezes, mesclando-se a ela.

Encontramos, no ambiente do bate-papo, um contexto situacional de uso da língua em que a sensação é a de estar se comunicando como se estivesse frente a frente com o interlocutor, como se o que se utilizasse a todo tempo fosse a fala, embora o código seja ainda o escrito. A esse respeito, Bernardes e Vieira (2006, p. 46) afirmam que, “apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num ‘texto falado’ por escrito [...], numa ‘conversação com expressão gráfica’”.

É por causa da existência dessa proximidade que a escrita, nesse ambiente, tem sido, muitas vezes, vista como errada e feia, uma vez que apresenta reduções, abreviações, períodos curtos de “fala” e outras características que divergem da escrita formal. No entanto, trata-se apenas de uma (re)configuração do código escrito devido ao meio e ao suporte no qual se utiliza a língua(gem). Bernardes e Vieira (2006, p. 55) afirmam que “os enunciados nesse novo contexto caracterizam-se, portanto, por serem breves e concisos, expressos através de uma escrita geralmente abreviada, cujos aspectos normativos são de segunda ordem”.

Para melhor compreendermos essa discussão, esclarecemos que a escrita formal é aquela que segue a norma culta. Tal escrita é considerada como “certa” diferente da escrita informal, a “errada”, pois se organiza de um modo específico e mais cuidadoso. Essa concepção existe por se acreditar e ainda se defender, em escolas e em outros espaços sociais, que há uma única forma de se utilizar a língua, neste caso a escrita, e esta deve seguir as regras ditadas pela gramática normativa, tendo em vista que o uso da língua é imposto, em maior parte dos casos, por integrantes de uma classe social privilegiada (FARACO, 2008).

Compreendendo melhor o que é escrita formal e informal, por assim dizer, torna-se possível afirmar que essa nova escrita, analisada neste estudo, trata-se, grosso modo, apenas de uma variante da escrita formal que se apresenta não como errada, mas como adequada ao meio em que está inserida. A esse respeito, Pereira e Moura (2006, p. 70) destacam que

Os processos interativos mediados pelo computador, em especial pela Internet, consistem numa interação dinâmica. Neste espaço (o ciberespaço), deparamo-nos com novas formas de leitura e escrita, novas formas de linguagem, novos códigos, novos processos de produção/construção textual.

Podemos, pois, perceber que essa nova escrita utilizada em redes sociais como no *Facebook*, apresenta-se como adequada ao meio no qual se apresenta, uma vez que é preferida por seus usuários, devido ao contexto situacional em que a língua se processa na modalidade escrita. No contexto das redes sociais, tem-se a exigência de uma maior agilidade e praticidade em um curto espaço de tempo, dada a rapidez que é requerida pelos próprios usuários nesse ambiente.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização da pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizado um estudo de campo, bem como um estudo bibliográfico. O estudo de campo foi realizado mediante a utilização de ferramentas do próprio *Facebook*. Foram selecionados, aleatoriamente, cinco usuários, com os quais foram realizadas entrevistas *on-line* no bate-papo da rede social em tela.

As entrevistas foram realizadas na forma de conversas espontâneas e tiveram como tema a concepção do tipo de escrita utilizada em redes sociais, com foco no próprio *Facebook*. A coleta de dados foi realizada durante o mês de dezembro de 2014. Após a coleta de dados, foi realizada a análise das entrevistas, que veio comprovar nossa hipótese apresentada no início deste trabalho.

Para validar nossa análise frente ao estudo realizado, foram utilizados autores como Ammann (2011), Bernardes e Vieira (2006), Costa (2006), Dias (2009), Freitas (2006), Grigoletto (2009) e Pereira e Moura (2006).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Como exposto na seção anterior, foram utilizadas cinco entrevistas para a pesquisa, as quais foram realizadas *on-line* no bate-papo do *Facebook*. Tais entrevistas foram feitas com o intuito de verificar qual a relação atual existente entre as condições de escrita e os usuários desta rede social, dando ênfase à concepção da modalidade escrita utilizada e defendida pelas pessoas que navegam no site.

Observando-se os dados coletados, foi possível perceber que a concepção de escrita defendida pelos usuários do *Facebook* gira em torno do pensamento de “certo” e “errado”, isto é, para os internautas entrevistados, a escrita utilizada, principalmente no bate-papo, é errada, uma vez que consideram as reduções e abreviações, por exemplo, como desobediência às normas que regem a escrita formal do português brasileiro contemporâneo.

O entrevistado 4, por exemplo, quando questionado acerca da escrita utilizada no *Facebook*, respondeu da seguinte forma:

“É muito legal porém não é correta muito mais de prático e o que precisamos atualmente”.

O internauta diz considerar legal, já que é uma questão de praticidade, já que, em conversas em tempo real, como no bate-papo, exige-se maior rapidez na troca de mensagens. No entanto, para o mesmo internauta, essa escrita é errada, pois, como afirma no decorrer da entrevista, a escrita deve seguir as normas gramaticais. Tal usuário

considera o código escrito como objeto formal que não admite desacordo com a norma culta.

Foi possível perceber que tal concepção também foi compartilhada pelos demais entrevistados. O entrevistado 5, por exemplo, diz:

“eu acho esquisito e errado tbm...”

“por as pessoas ficam cortando palavras, escrevem errado...”

“mas pra mim já que é uma coisa escrita tem que ter mais cuidado...”

O internauta acima citado relata que a escrita merece mais cuidado. Logo, nos leva a considerar que ele vê o código escrito como objeto restrito, que não permite desobediência à norma culta. Assim sendo, ele também acredita que a escrita deve sempre seguir normas gramaticais.

Outra opinião que nos chamou a atenção foi a concepção adotada pelo entrevistado 1, que relata:

“Bom eu acho q eh um pouco de preguiça pelo menos eu eh assim rsrs”

Na visão desse usuário, a escrita utilizada no Facebook advém da “preguiça” de escrever por parte dos internautas. Ele assevera que opta pelas abreviações e reduções porque reduz o esforço de escrever muito. Tal ideia é confirmada mais adiante, quando diz que acha chato, por exemplo, ter de colocar sinais de pontuação:

“Tipo tem q fica pondo virgula ponto isso eh meio chato kkk”

Como se pode observar, há uma contradição entre a maneira como os usuários visualizam a escrita da maneira como a utilizam. É interessante perceber que eles criticam a escrita, mas assumem utilizá-la (e a utilizam em maior parte do tempo) e sempre com a mesma justificativa, a praticidade. Tais concepções podem apontar para a existência de um novo preconceito semelhante àquele já existente em relação à fala. E, já que esta escrita se aproxima da fala, como nos levam a entender Bernardes e Vieira (2006), ela pode ser considerada errada por carregar características desta.

O entrevistado 2 relata, por sua vez, que é um exagero o uso de muitos pontos e abreviações e defende, ainda, que esse modo de escrever pode acabar prejudicando a habilidade de escrita, já que assume que isso pode levar ao comodismo, levando ao vício:

“Bom eu acho q as pessoas exageram usando um monte de ponto sem necessidade ou diminuindo as palavras...”

“agente acaba se acostumando a escrever td errado...”

O usuário deixa a entender que esse tipo de escrita pode chegar a ser prejudicial, levando as pessoas ao costume de escrever “errado”. Dessa forma, notamos que a concepção dele torna-se a mesma para todos os entrevistados: a de que a escrita deve ser regida por normas gramaticais. Essa percepção é também confirmada pelo entrevistado 3:

“essas abreviaturas fazem com que as pessoas se acostumem, atrapalhando na hora de escrever fora dele !”

Como se pode observar, esses dois usuários assumem utilizá-la e justificam, da mesma forma que os demais, que este tipo de escrita é mais prático. Vejamos o que relata o entrevistado 3:

Pesquisadores: *Então você considera errado escrever dessa forma?*

Entrevistado 3: *Sim. Mesmo assim as vezes eu escrevo quando se deve passar uma mensagem rápida por estar apressado!*

Diante do que foi exposto, evidenciamos que a escrita utilizada no Facebook, principalmente no bate-papo, é concebida pelos seus usuários como “errada”, pois, mesmo admitindo que esta nova escrita seja mais eficaz e prática em tal contexto, os usuários afirmam que ela não pode ser aceita como correta porque a escrita em si ainda é vista somente como um objeto formal. Esse pensamento pode ser resultado do sentimento de estranheza que surge frente a tantas modificações proporcionadas pela tecnologia.

Nesse sentido, de acordo com Freitas (2006, p. 12), “[...] a velocidade de uma comunicação em tempo real, a aproximação de pessoas e de informações distantes, são fatos que não compreendemos bem e, por não sabermos como lidar com eles, nos causam estranheza”. Logo, sendo essa nova escrita parte de um novo contexto, ela também pode acabar despertando nos seus usuários uma espécie de estranheza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, a escrita foi se tornando um dos meios de comunicação mais eficazes por conta da sua resistência ao tempo em contraposição com a fala. Essa ferramenta sofreu e continua sofrendo modificações, já que os meios em que está inserida passaram por transformações ao longo dos anos. Assim sendo, alteram-se as relações existentes entre os sujeitos e a escrita, originando novas formas de utilizá-la e concebê-la.

Diante dos resultados obtidos, podemos constatar, por exemplo, que a escrita utilizada no *Facebook* é vista pelos seus usuários como errada, uma vez que foge às regras ditadas pela gramática normativa, divergindo da escrita formal. No entanto, esses mesmos usuários admitem utilizá-la porque o meio exige, demonstrando, mesmo que inconscientemente, por meio desta justificativa, que o modo de escrever se adequa por força das necessidades comunicativas criadas pela situação e contexto de conversação.

Tais percepções podem nos alertar sobre a existência de um novo tipo de preconceito linguístico, direcionado a uma escrita que se aproxima da fala. É preciso, entretanto, enxergar que a escrita também é um sistema linguístico dinâmico capaz de acompanhar as mudanças ocorridas com os meios nos quais está inserida, como os meios tecnológicos, além de elucidar que, seja em ambientes formais ou em redes sociais, ela é maleável e passível de mudança e de variação.

Concluimos que, embora os participantes da pesquisa afirmem que a escrita no *Facebook* é errada, eles não tiveram uma preocupação quanto à forma como escreveram, tendo em vista que, em termos mais puristas e que dizem respeito à ortografia e concordância, por exemplo, houve alguns desvios àquilo que é preconizado nas gramáticas. Essa constatação foi evidenciada por conta de os participantes da pesquisa não estarem em situação de monitoramento de qualquer natureza, o que lhes permitiu escrever espontânea e livremente, sem atentar para as famigeradas regras gramaticais.

REFERÊNCIAS

AMMANN, Matthias. *Facebook, eu curto: uma análise mimética das redes sociais digitais*. 2011. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação e Comunicação) Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. "O *chat* como produção de linguagem". In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSTA, Sérgio Roberto. "Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet". In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Cristiane. "A escrita como tecnologia da linguagem". *Coleção HiperS@beres*. Santa Maria. Unicamp. Vol. II, 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. "A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo". In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRIGOLETTO, Evandra. "Autoria no hipertexto: uma questão de dispersão". *Hipertextus revista digital*. Universidade de Passo Fundo (UPF), n.2, Jan.2009. Disponível em:<<http://www.hipertextus.net/volume2/Evandra-GRIGOLETTO.pdf>>. Acesso em: 13 de jan. de 2015.

LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. *Os usos cotidianos da escrita e as implicações educacionais: uma etnografia*. Teresina: EDUFPI, 1996.

PEREIRA, Ana Paula M. S.; MOURA, Mirtes Zoé da Silva. "A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais". In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Recebido em 23 de junho de 2015
Aceite em 20 de setembro de 2015

Como citar este artigo:

NASCIMENTO, Juscelino Francisco do; SOUSA, Dayane Cortez & MOURA, Francimônica das Chagas. "A escrita nas redes sociais: uma análise da concepção de escrita utilizada por usuários do facebook". **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.261-273. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/dossie/Palimpsesto21dossie02.pdf>>. Acesso em: dd. mm. aaaa. ISSN: 1809-3507